

E se for amor?



Uma História sobre o acaso



Escrito por: Lucas Rodrigo e Julia Santana

E se for amor?

Uma História Sobre o Acaso

Créditos e Agradecimentos

Este projeto literário foi criado por Lucas, Julia e com a colaboração de ChatGPT, que auxiliou na construção e refinamento da narrativa.

Agradecemos a oportunidade de transformar sentimentos em palavras e momentos em histórias.

Este trabalho é dedicado especialmente à Julia, com todo meu amor e gratidão por sua presença constante e inspiração diária.

Que esta história seja um lembrete de que, mesmo nas noites mais silenciosas, a esperança e a companhia são o que realmente importam.

SUMARIO

- Capítulo 01:Um Desconhecido
- Capítulo 02:A Traição
- Capítulo 03:O Encontro
- Capítulo 04:Os Primeiros Risos
- Capítulo 05:Encontro Inesperado
- Capítulo 06:Jantar para Dois
- Capítulo 07:Porto Seguro
- Capítulo 08:O Pedido
- Capítulo 09:Um Ano Depois...
- Capítulo 10:A Nova Liderança
- Capítulo 11:Aquela Noite
- Capítulo 12:A Descoberta
- Capítulo 13:Um Novo Começo

Capítulo 1 – Um desconhecido

A taça de vinho repousava quase intocada sobre a mesa de mármore claro. As luzes amareladas pendendo do teto criavam um brilho suave sobre o balcão, refletindo nas garrafas e nas lentes dos óculos da jovem que estava sentada sozinha. Era uma daquelas noites em que a mente parece mais silenciosa que o ambiente. Apesar do vai e vem de garçons e das conversas abafadas ao redor, havia uma certa calmaria no ar — uma pausa entre o caos do dia e o vazio da madrugada.

Ela observava o movimento discreto do bar, sem muito entusiasmo. Talvez tivesse vindo para espairecer, talvez só para não pensar. Recém-formada, com seus cabelos castanhos longos perfeitamente alinhados e os olhos igualmente castanhos escondendo pensamentos que ela mesma não fazia questão de organizar. Já considerava ir embora quando um homem se aproximou.

Ele tinha a confiança de quem já usou aquela mesma abordagem muitas vezes — e, pior, achava que funcionava. Parou ao lado da mesa, apoiando-se levemente com uma mão no encosto da cadeira à frente dela.

— Oi, você vem sempre aqui? — disse, com um sorriso torto e um tom que tentava soar casual, mas escorregava na pretensão.

Ela ergueu o olhar devagar, sem pressa, encarando-o por trás das lentes com um ar de tédio discreto.

— Sim — respondeu, sem emoção.

O homem pareceu não se importar com a frieza da resposta. Sentou-se sem ser convidado, ajeitando a camisa como se estivesse fazendo um favor ao mundo ao se apresentar.

— Você é bonita, sabia?

Ela apenas piscou, mantendo o copo entre os dedos, girando o vinho como quem avalia algo mais interessante que a conversa.

— Sim, eu sei.

Ele soltou uma risadinha, meio surpreso com a resposta direta. Tentou continuar, como se o jogo ainda estivesse aberto.

— Realmente, muito linda... Você namora?

Dessa vez, ela soltou um suspiro sutil, como quem acaba de perder a paciência com o mesmo tipo de gente pela décima vez no mês.

— Sim. E pare de me elogiar! — rebateu com firmeza. — Só meu namorado pode.

Um silêncio incômodo se formou por um segundo. Mas o homem, claro, não entendeu o recado. Ou pior: entendeu e ignorou.

— Perdão então... — disse, tirando um pequeno papel do bolso. — Vou te deixar meu número. Caso você queira uma aventura diferente...

Ele estendeu o bilhete com a ponta dos dedos, como se estivesse oferecendo um ingresso para um show imperdível. Foi a gota d'água.

Ela pegou o papel com calma. Por um instante, ele pareceu achar que tinha vencido. Mas logo depois, com o olhar gelado e uma ruga de desprezo crescendo no canto da boca, ela rasgou o número bem na frente dele — os pedaços caindo como neve suja sobre a mesa.

— Teu cu! — disse, a voz agora bem mais alta. — Eu amo meu namorado, seu prostituto!

O impacto da palavra ecoou mais alto que qualquer brinde de taça ao redor. Ela se levantou bruscamente, deixando a cadeira empurrar o chão com um rangido seco, e saiu andando com o maxilar travado e os olhos marejados.

Mas, ao atravessar a porta e sentir o ar fresco da noite bater no rosto, um sorriso quase imperceptível surgiu. Um sorriso de quem sabe exatamente o que quer — e mais ainda, de quem sabe o que *nunca* vai aceitar.

Capítulo 2 – A Traição

As luzes da sala estavam apagadas quando ela entrou em casa. Deixou os sapatos junto à porta, como de costume, e sentiu o silêncio incomum preenchendo o ambiente. Era tarde, o tipo de hora em que tudo costuma estar quieto — mas havia algo naquele silêncio... algo que não era normal. Um sussurro abafado. Um rangido discreto no assoalho do andar de cima. Algo sutil, mas suficiente para despertar um frio na espinha.

Ela franziu o cenho e andou com passos leves, atentos. O corredor que levava ao quarto estava escuro, e a porta entreaberta deixava escapar uma sombra mal posicionada. A respiração ficou mais curta conforme se aproximava, os dedos prontos para empurrar a porta sem fazer barulho.

E então ela viu.

Ali, no próprio quarto, no espaço onde costumava descansar, confiar, amar... o namorado — Elenilson — estava enroscado com Jussara. Sua melhor amiga. Sem luz, sem pudor, sem qualquer vergonha.

Ela congelou. Os olhos demoraram um segundo para acreditar no que viam. O chão parecia mais distante, como se o corpo quisesse flutuar para longe dali.

— Amor!? — Elenilson disse ao vê-la, levantando-se parcialmente, o cabelo bagunçado e o lençol mal cobrindo a pele. — Calma, não é isso que você está pensando.

Ela piscou devagar, o olhar queimando, a mandíbula travada entre o choque e a fúria. O coração batia tão alto que era difícil ouvir qualquer coisa além da própria indignação.

— Eu não acredito que você está me traindo, Elenilson!!!

Ele fez menção de se aproximar, mas recuou ao ver o olhar dela. Ainda assim, não perdeu a pose.

— Não é isso... Eu estava apenas ensinando ela sobre os músculos...

— Ensinando sobre músculos no escuro, caralho?!

Ele deu um meio sorriso, como se achasse a própria desculpa minimamente plausível.

— É uma aula apenas com o tato... — respondeu, gesticulando como um palestrante de quinta categoria. — É bom fazer aulas no escuro para acostumar melhor, entende?

Ela sentiu o sangue subir como uma onda. A expressão entre o cômico e o revoltante dele a fez perder o controle.

PLÁ!

O som do tapa estalou no quarto como um trovão.

— Isso é por tratar meu amor como piada!

Mas, sem perder o fôlego, ele revidou com outro tapa, fraco, quase covarde, claramente mais por orgulho do que por impulso.

— Foi por legítima defesa! — esbravejou, mesmo sabendo que havia cruzado a última linha.

Ela levou a mão ao rosto, mais pelo impacto emocional do que físico. Deu dois passos para trás, sentindo as lágrimas subirem, mas não desabou. Levantou o celular, destravou com mãos trêmulas e falou com a voz cortante:

— Eu vou ligar para a polícia. Um homem acabou de me agredir.

O quarto mergulhou num silêncio seco. Jussara permanecia muda, imóvel, quase invisível, como se a vergonha tivesse colado sua alma ao colchão.

Elenilson apenas bufou, pegou as calças do chão com calma e começou a se vestir, ainda com um ar debochado de quem acha que está acima das consequências.

— Fica aí com tua justiça então — murmurou. — Eu vou dar aula particular em outro lugar.

Saiu andando em direção à garagem, com Jussara logo atrás, ainda sem dizer uma palavra. O motor da moto rugiu segundos depois, cortando o silêncio com uma despedida fria, quase cínica.

Ela, então, desabou no chão do quarto. Por um tempo ficou ali, encolhida, tentando entender em que momento tudo havia virado de cabeça pra baixo. Mas a dor era tanta que o pensamento não se organizava. Apenas se levantou, ainda zozza, e saiu de casa.

Algum tempo depois, já sentada na calçada, esperava um ônibus qualquer. Não sabia para onde queria ir. Só sabia que não podia mais ficar onde estava.

A noite tinha engolido tudo o que restava de segurança. Agora, tudo que sobrava era o eco de uma decepção.

Capítulo 3 – O Encontro

A madrugada já havia tomado conta das ruas, cobrindo os postes com um manto silencioso e esvaziando as calçadas. O tempo parecia andar devagar naquele ponto da cidade — nem carros, nem passos, apenas o farfalhar leve das árvores e um céu sem pressa lá em cima.

Ela estava sentada no meio-fio, perto do ponto de ônibus mais próximo, com os braços apoiados nas pernas e a cabeça levemente baixa. Quem passasse por ali provavelmente a veria apenas como mais uma jovem descansando após uma longa noite. Mas o olhar... ah, o olhar entregava o que o corpo ainda tentava esconder: decepção, tristeza e o tipo de silêncio que só vem depois de uma queda.

Foi então que ele apareceu.

Lucas vinha caminhando devagar pela calçada, como quem aprecia a tranquilidade rara da cidade adormecida. Os cabelos curtos, no estilo militar, realçavam a firmeza do semblante. Havia algo na sua presença que passava segurança — um tipo de elegância silenciosa que não precisava de palavras para ser notada.

Ao avistar a moça ali sozinha, desacompanhada àquela hora, desacelerou os passos por instinto. Não por medo, mas por respeito. Aproximou-se com cautela, como quem pede licença até no silêncio.

— Oi, moça... está tudo bem? — perguntou com voz baixa, suave, o suficiente para não a assustar, mas ainda assim mostrando que se importava.

Ela ergueu os olhos devagar, como se voltasse à realidade por um instante. Não respondeu de imediato, mas o aceno sutil com a cabeça foi suficiente para dizer: "sim, estou bem... ou pelo menos, tentando".

Lucas não disse mais nada. Apenas se sentou ao seu lado, com uma distância respeitosa entre os dois. Ficou ali, presente, mas sem invadir. Esperando, sentindo o tempo com ela.

— Está voltando do trabalho? — perguntou Julia, depois de alguns minutos de silêncio calmo. O tom era uma tentativa de aliviar o peso da noite e do silêncio.

Ele respondeu com calma, feliz pela pergunta:

— Não... eu costumo caminhar à noite mesmo. A rua é mais tranquila esse horário.

— Entendo... — respondeu com um leve sorriso.

— Mas e você? O que faz sozinha aqui, tão tarde? Perguntou Lucas com um tom de preocupação.

Ela hesitou. Queria continuar mantendo a armadura firme. Mas havia algo naquele jeito dele... aquela forma de perguntar sem invadir, de escutar sem pressa.

— Digamos que... a pessoa que eu amava me traiu — disse, sem rodeios, como quem já cansou de esconder. — Não tenho para onde ir além da minha casa, mas... não quero voltar para lá.

Lucas franziu levemente a testa, como se compartilhasse o peso das palavras.

— Quem é que foi o idiota que traiu você...? — disse, com um toque sincero de indignação. — Eu não te conheço bem, mas... não sei, parece que você é muito legal.

Ela soltou uma risada curta, mais amarga que divertida.

— Obrigada... ele é um babaca desgraçado. Me traiu com a aluna de treino.

Lucas ficou em silêncio por um instante. Sabia que qualquer palavra naquele momento não resolveria nada, mas às vezes o gesto certo é só estar ali.

— Eu... não sei o que dizer — confessou, com sinceridade. — Nunca passei por isso. Mas... se quiser, pode caminhar um pouco comigo.

Ela o olhou pela primeira vez com mais atenção. Os olhos já não estavam tão endurecidos. Havia dor, sim, mas também uma fagulha de algo diferente. Talvez alívio. Talvez... um primeiro sopro de esperança.

— Pode ser... — respondeu, quase num sussurro.

E os dois se levantaram, lado a lado, começando a andar sem pressa por ruas que pareciam ter se calado só para eles. Às vezes, tudo o que a gente precisa não é de um destino... é de uma boa companhia no caminho.

Capítulo 4 – Os primeiros risos

A caminhada seguiu em silêncio. Os passos lentos sobre o asfalto pareciam combinar com a calma da madrugada. A cidade dormia, e o mundo, por um breve momento, parecia suspenso.

Ela respirou fundo, como se estivesse organizando pensamentos demais dentro de si.

— Eu não quero voltar pra casa — disse, com a voz baixa, quase como se estivesse confessando pra si mesma.

Lucas a olhou de leve, sem dizer nada ainda. Deixou que ela continuasse no próprio tempo.

— Mas também... se quiser voltar pra sua casa, tudo bem — acrescentou logo em seguida, com um tom gentil. — Eu não quero te atrapalhar... tô acostumada a andar sozinha à noite.

Não era um pedido para ficar só — era cuidado. Ela estava ferida, mas ainda assim preocupada com o outro. Não queria ser um peso.

Ele parou por um instante e a olhou nos olhos, com aquela tranquilidade que já começava a ser familiar.

— Não tá atrapalhando não... de verdade. Mas, se quiser, pode ir pra minha casa. Só se sentir confortável, claro... não quero que se sinta pressionada.

Ela hesitou por um segundo, como se algo dentro dela estivesse finalmente encontrando espaço para respirar.

— Vamos! Eu quero ir — respondeu, dessa vez com leveza nos lábios e um brilho novo nos olhos.

Depois de mais alguns minutos caminhando juntos, chegaram diante de uma casa moderna, de linhas elegantes e luzes suaves na entrada. Era bonita, sim, mas não fria — havia algo de acolhedor, de pessoal, como se cada canto tivesse sido pensado com carinho.

— Prontinho, chegamos — disse ele, abrindo o portão.

Ela olhou ao redor, surpresa. Era o tipo de lugar que transmitia paz, e isso a pegou de surpresa.

— Que casa bonita... você gosta de decorar? — perguntou, ainda admirando os detalhes.

— Gosto sim — respondeu ele, com um sorriso discreto. — Fui eu que decorei tudinho aqui. Gostou?

— Eu amei. É tão bonita quanto quem decorou... — disse ela, olhando nos olhos dele com sinceridade.

Lucas ficou visivelmente sem reação. Corou levemente, mas conseguiu responder.

— Obrigado... você também é muito bonita...

Ela se aproximou, aos poucos, sentindo o ambiente e o olhar dele como seguros. Os rostos foram se aproximando devagar, até que o beijo aconteceu. Calmo, leve, quase tímido — como se não quisessem assustar o momento.

Depois de alguns segundos, ela se afastou com um sorriso sem graça.

— Eh... acho que vou tomar um banho. Pode ficar à vontade, o quarto de hóspedes é aquele ali — disse, apontando para a porta.

— Ok... muito obrigado — respondeu ela, indo até o quarto indicado.

Enquanto ela seguia, ele foi para o banheiro do próprio quarto. Tomou um banho tranquilo, tentando digerir o que estava vivendo. Quando terminou, colocou uma roupa confortável e, no automático, esqueceu de vestir a camisa.

Saiu pelo corredor e cruzou com ela.

Ela congelou por um segundo, surpresa. O olhar se desviou rapidamente, mas o rubor no rosto denunciou o efeito.

Ele riu discretamente, percebeu o vacilo e voltou para o quarto. Vestiu uma camiseta e foi até a porta do quarto de hóspedes.

— Toc-toc...

— Já vai — ela respondeu, abrindo logo em seguida.

— Oi... só vim ver se você tá precisando de algo — disse ele, com gentileza.

— Ah... estou bem. Na verdade, acho que preciso voltar pra casa... — falou ela, tentando disfarçar o constrangimento.

— Tem certeza? Já tá tarde... pode ficar até de manhã. Eu te levo depois. A gente pode assistir um filme... sei lá. Mas se quiser mesmo ir, eu te levo de carro.

Ela hesitou.

— Tem certeza que eu não tô atrapalhando?

— Imagina... para falar a verdade, eu até me sinto meio sozinho às vezes. Acho que está na hora de arrumar um cachorro... ou uma namorada...

Ela riu com sinceridade.

— Tudo bem então... vamos ver um filme?

— Vamos — disse ele, abrindo caminho. — A TV da sala queimou... pode ir indo lá pro quarto enquanto eu pego a do meu.

— Não precisa se dar ao trabalho — disse ela, com um sorrisinho. — Podemos assistir no quarto mesmo.

— Tudo bem então... vem.

Ela entrou e se sentou na cama com o controle na mão. Ele foi até a cozinha e preparou pipoca, pegando também algumas bebidas. Enquanto isso, ela escolheu o filme com naturalidade e um toque de humor.

Quando ele voltou, deu uma risada leve ao ver a escolha.

— Que foi? — ela perguntou, fingindo indignação.

— Nada não — disse ele, rindo. — É que minha priminha de cinco anos me chamou para assistir esse filme uma vez... Nunca vi. Mas vou gostar de assistir com você.

— Que bom! Fico feliz em saber disso — Ela responde enquanto ri.

Ele se deitou ao lado dela e ofereceu a pipoca.

— Qual seu chocolate favorito?

— Gosto muito de Diamante Negro. E você?

— Deve ter um aí na gaveta... — disse, apontando. — Meu favorito é Suflair.

— Que rico — disse ela, rindo. — Eu já teria comido tudo.

Eles riram juntos, e pela primeira vez naquela noite, a leveza tomou conta.

No meio do filme, ela acabou adormecendo, os olhos se fechando devagar, como se finalmente encontrassem descanso.

Lucas a observou por um instante, em silêncio. Pegou uma manta e a cobriu com carinho, com a mesma delicadeza de quem entende o valor de um gesto simples.

Depois, levantou-se devagar e foi dormir no quarto de hóspedes, deixando que o silêncio da madrugada cuidasse dos dois.

Capítulo 5 – Encontro Inesperado

A luz do sol atravessava a fresta da cortina e repousava suave sobre o rosto de Lucas. Era um daqueles raios que parecem anunciar o fim de uma noite boa — não pelo descanso, mas pela companhia.

Ele despertou aos poucos, sem pressa. Ainda deitado, com os olhos entreabertos e a mente vagando, lembrava do beijo da noite anterior. Um sorriso discreto escapou sem que percebesse. Não era comum pra ele sentir isso tão cedo... e talvez fosse esse o problema.

Enquanto isso, no outro quarto, ela também acordava. Ficou deitada por um tempo, em silêncio, até que decidiu sair devagar. Calçou os tênis, ajeitou o cabelo e foi até a cozinha, com a intenção de tomar um copo d'água e ir embora sem fazer barulho. Mas, antes que pudesse abrir a geladeira, um som suave interrompeu seus passos.

— Bom dia! — disse Lucas, aparecendo com um sorriso ainda sonolento.

Ela se assustou de leve, mas logo retribuiu, mesmo com o coração disparado.

— B-bom dia... dormiu bem? — perguntou com um pequeno sorriso tímido.

— Dormi sim. E você? Você acabou dormindo no meio do filme, então achei melhor te deixar tranquila, por isso fui para o quarto de hóspedes...

— Ah... sei. Obrigada por isso. Dormi super bem, aliás.

Por um instante, o silêncio ficou no ar, carregado daquela estranha familiaridade que começa a surgir entre dois desconhecidos com história demais em comum.

— Enfim... quer ir pra sua casa? Se quiser, posso te levar — disse ele, tentando soar natural, embora o coração dissesse que queria um pouco mais de tempo.

— Não, que isso... não precisa. Eu posso ir sozinha. Já dei trabalho demais.

— Imagina... não vai ser nenhum problema te levar — insistiu, com aquele mesmo cuidado de sempre.

Ela hesitou por alguns segundos, mas cedeu.

— Tudo bem então... — respondeu, pegando suas coisas.

Minutos depois, estavam no carro. A viagem foi tranquila, sem muitas palavras, mas cheia de pensamentos. Ele dirigia, mas não parava de reviver o beijo. Ela, olhando pela janela, mordida levemente o lábio, perdida no mesmo pensamento.

Ao chegar, ela soltou o cinto com calma, como quem não queria sair ainda. Virou-se pra ele, hesitou... e então se aproximou, beijando-o de leve. Um agradecimento? Talvez. Um pedido de “não vai embora”? Talvez também.

Mas antes que pudesse se afastar, ele segurou com delicadeza sua mão, e a puxou para um segundo beijo — mais lento, mais intenso. Os olhos dela se fecharam no mesmo instante. Havia algo ali que nenhuma explicação poderia esconder.

Ela desceu do carro, ainda com o coração acelerado.

— Julia! — ele chamou, antes que ela entrasse.

Ela virou-se rápido, surpresa.

— Posso pegar seu número? Gostei de você...

Um leve sorriso apareceu em seu rosto.

— Ah! Claro. Meu número é “...” Me liga qualquer hora.

Ela deu um tchau com a mão e entrou. Ele ficou observando por alguns segundos, antes de dar a volta e ir pra casa. O dia estava só começando.

Em casa, Julia encontrou o gato que Elenilson tinha deixado para trás. Ele a olhou como se soubesse tudo o que estava acontecendo. Ela riu sozinha, o alimentou, e foi se arrumar pro trabalho.

Lucas também estava se aprontando. Camisa, relógio, perfume. Reunião com a equipe técnica. O foco tentava vencer a memória daquele beijo... sem sucesso.

Ao chegar à empresa, Julia seguiu direto para sua sala. Havia uma reunião importante logo cedo. Estava concentrada — ou pelo menos tentava estar.

Entrou na sala e se sentou ao lado de um desconhecido. Os olhares ainda perdidos entre planilhas, códigos e expectativas.

Até que um perfume familiar invadiu o ambiente.

Ela franziu o cenho, devagar. Procurou com os olhos discretamente. E então... encontrou.

Lá na frente, de pé, falando com os outros membros da equipe: Lucas.

Ela prendeu a respiração por um segundo, como se o tempo tivesse congelado. Ele também a viu. Os olhares se cruzaram. Sorrisos contidos. Olhares desviados logo em seguida.

— Bom dia a todos — ele começou a reunião, tentando manter a compostura. — Alguns aqui eu já conheço... outros, ainda não. Mas sejam bem-vindos.

Ela tentou focar, mas a mente dançava entre o que ele dizia e o que tinham vivido horas antes. Os dois sabiam que aquilo não podia acontecer. Mas já tinha acontecido.

Entre uma frase e outra, os olhos se encontraram de novo. Ela soltou uma leve risada nervosa, fingindo olhar os papéis. Ele sorriu de canto, mas logo voltou ao tom sério da reunião.

— Bom, por hoje é isso. Alguma dúvida?

Silêncio. Apenas olhares.

A reunião terminou. Cada um voltou ao seu setor. Julia, ainda sem acreditar. Ele, tentando não olhar pra trás.

Mais tarde, já em casa, ela pegou o celular. Olhou por alguns minutos a tela, como quem pensa duas vezes... e então digitou:

“Oii... quer sair para jantar hoje?”

Capítulo 6 – Jantar para Dois

A vibração do celular quebrou o silêncio do quarto. Deitada de lado, ainda enrolada no cobertor, Júlia esticou a mão e destravou a tela, o rosto meio escondido no travesseiro. Seus olhos se fixaram na notificação como se aquilo fosse irrereal.

"Sim. Vamos! Que horas?"

Leu uma, duas vezes. O coração acelerou antes mesmo de qualquer resposta. Mordeu o lábio, pensativa. Havia mil motivos para ignorar, e outros mil para aceitar. Mas no fim, ela digitou com firmeza:

"Te pego às 20."

Rápido, ele respondeu:

"Onde você quer ir?"

Ela sorriu sozinha, apoiando a testa na almofada, sem conseguir controlar o nervosismo bom que a invadia.

"Apesar de morar aqui, não sou de sair muito de casa, então não conheço muitos comércios... pode escolher."

"Tudo bem, então."

As mensagens cessaram, mas a cabeça dela continuava girando. O celular ficou em cima da cama, mas parecia que as palavras ainda vibravam no ar. O convite estava aceito. À noite, marcada. E o coração, inquieto.

Na frente do espelho, Júlia encarava o próprio reflexo com uma expressão que oscilava entre expectativa e receio. O vestido preto longo escorria até os pés com elegância discreta. O salto, sutil. O cabelo, solto e bem cuidado. O visual dizia: "estou bem". Mas o olhar entregava um certo "espero que dê certo".

Às 20h em ponto, ela desceu com passos firmes, ainda que o estômago estivesse em pura rebelião. Ao ver o carro, hesitou por um instante. E se fosse cedo demais? E se fosse tarde demais?

Entrou.

Ele virou o rosto com um sorriso calmo, mas os olhos revelavam a mesma tensão interna que ela escondia.

— Oi :)

— Oii... você está linda!

O elogio saiu com naturalidade, mas o impacto nele foi real. Ela desviou o olhar, agradecendo com um meio sorriso.

— Obrigada... você também, chefe — soltou, numa tentativa de aliviar a tensão com uma pitada de humor.

Ele riu, meneando a cabeça.

— Não precisa me chamar assim...

— Perdão — disse, ainda sorrindo. — Meio que foi um choque te ver na reunião...

— Também não esperava...

O silêncio que veio depois não foi pesado. Era como se ambos estivessem processando o mesmo filme, em silêncio. Ela olhou pela janela, e ele manteve as mãos firmes no volante, os olhos atentos à estrada, mas a mente distante.

— O que você faz lá? — ela perguntou, tentando retomar a conversa.

— Eu sou o gerente da equipe técnica.

Ela assentiu devagar.

— E você? — ele retribuiu a pergunta, virando o rosto por um instante. — O que faz lá?

— Faço a parte digital da empresa — respondeu, voltando o olhar pra ele.

— Sério?

— Sim. Sites, banco de dados, páginas internas, segurança...

Ele soltou um assobio baixo, surpreso.

— Precisa ser inteligente pra isso, né?

Ela deu um sorrisinho de canto, cruzando as pernas.

— Fiz faculdade.

— Legal... — disse ele, num tom mais baixo. Era sincero, mas também indicava que ele tentava não deixar transparecer o quanto estava admirado.

Ela abaixou o olhar, brincando com a alça da bolsa no colo.

— Confesso que fiquei feliz de te ver lá — ele disse, rompendo a tensão com algo mais direto.

Ela levantou o olhar, sem esconder a surpresa. Um pequeno sorriso se formou nos lábios dela, mas não respondeu de imediato. Era como se deixasse que o silêncio respondesse por ela.

O restaurante era elegante, mas não pretensioso. Iluminação baixa, tons quentes, o som ambiente de instrumentos suaves preenchia o espaço sem competir com as vozes.

Ele puxou a cadeira para ela, e ela agradeceu com um aceno discreto. Ao se sentarem, o cardápio virou um disfarce temporário para os dois fugirem do olhar direto.

— Você bebe vinho?

— Sim — respondeu, ainda lendo o cardápio. Sua voz soou mais baixa, como se quisesse parecer casual.

Ele fez o pedido e esperou que ela escolhesse o prato. Assim que o garçom se afastou, a conversa retomou com uma pergunta que vinha entalada.

— Você namora?

Ela engoliu seco, mas manteve a expressão neutra.

— Não.

Havia uma pausa no ar. Ele assentiu, como quem processa a resposta antes de seguir.

— Você é muito bonita...

Ela não respondeu de imediato. Desviou o olhar, tomou um pequeno gole de água, e só então, devolveu:

— E você é legal.

A troca foi curta, mas densa. Palavras simples, intenções profundas.

— Fico feliz que pense isso...

Ela suspirou, ajeitando-se na cadeira.

— Confesso que tô meio confusa. Não esperava encontrar você na reunião...

— Eu também não esperava... — disse ele, soltando uma risada discreta. — Mas... não me arrependo de nada.

Ela ergueu os olhos, e pela primeira vez, os encarou diretamente.

— Também não.

A resposta veio firme, sem hesitação. Como quem já tinha se convencido disso antes mesmo de falar.

O jantar correu tranquilo. Entre um gole de vinho e outro, riam de pequenas coisas, como se o tempo que passaram longe tivesse acumulado assuntos. Era como se estivessem retomando uma conversa antiga, que nunca terminou.

Depois que ele pagou a conta, se levantaram juntos.

— Bom... acho justo agora ser na minha casa, né?

Ela arqueou uma sobrancelha, sorrindo.

— Pode ser... mas vamos tomar um sorvete antes?

Ele assentiu, e saíram andando lado a lado pelas calçadas úmidas, iluminadas por postes amarelados.

Perto do carro, ele perguntou com uma expressão desafiadora:

- Você tem carteira de motorista?
 - Tenho sim. Quer que eu dirija?
 - Era exatamente isso que eu ia falar... quero ver você no volante.
- Ela deu um risinho, pegando a chave com animação.
- Tudo bem, mas eu só dirijo com emoção.
- Ele fingiu arregalar os olhos, rindo.
- Caramba... não sabia que eu estava saindo com uma piloto de Fórmula 1.

Chegaram à casa dela com o clima leve, os dois rindo ainda da performance dramática na direção. Ao entrar, ele observou os detalhes da decoração.

- Seja bem-vindo.
 - Que casa linda! Você quem decorou?
 - Na verdade não... sou péssima nisso. Quem decorou foi meu irmão mais novo. Ele vem aos finais de semana e adora inventar moda.
 - Ele tem bom gosto... pode elogiar por mim.
- Ela tirou os sapatos e foi até a cozinha.
- Quer um refrigerante? Água?
 - Água, por favor... não gosto de misturar refri com vinho.
- Ela entregou o copo e se jogou no sofá.
- Posso escolher o filme?
 - Claro.

Ela navegou rapidamente pelos títulos e colocou Interestelar. O olhar dela brilhou.

- Já assistiu?
- Não...
- Eu amo demais esse filme!

Ele apenas sorriu. E pela primeira vez desde o início do encontro, ficou em silêncio por completo. Não porque não havia mais o que dizer. Mas porque, naquele instante, só queria observar.

O filme seguiu, mas os olhos dele se voltavam mais pra ela do que pra tela. E ela percebia, mesmo sem olhar. A cada cena mais intensa, os dois se aproximavam naturalmente. Primeiro os braços. Depois os ombros.

No final, ela virou o rosto, devagar. Os olhos encontraram os dele. E ali, sem precisar de autorização verbal, ele se aproximou. Lentamente, com respeito.

O beijo veio calmo. Doce. Quente, mas sem pressa. E logo depois, o silêncio voltou — confortável, íntimo.

Mais tarde, ele acordou com vontade de ir ao banheiro. Levantou devagar. Ao voltar, encontrou o sofá vazio.

— Júlia?

Ela apareceu no corredor, os olhos ainda fechando sozinhos.

— Perdão... é meu costume ir pro quarto. Acabei esquecendo que não estava sozinha.

Ele deu uma risada baixa, ainda com a voz arrastada pelo sono.

— Já tá tarde... quer passar a noite?

— Tudo bem, se não for te atrapalhar em nada...

— Claro que não.

Ela hesitou. O rosto um pouco corado, o tom quase murmurando.

— Só tem uma coisa...

Ele ergueu as sobrancelhas, curioso.

— Pode falar...

— Eu não tenho quarto de hóspedes. Então... ou você dorme aqui, ou no meu quarto.

Ele deu um sorriso, meio sem graça, mas genuíno.

— Você que sabe... a casa é sua.

Ela respirou fundo, como quem toma coragem antes de pular na água.

— Durma comigo.

Foi seco. Rápido. Como quem prefere falar logo a ficar se enrolando no próprio nervosismo.

Ele assentiu com leveza.

— Tudo bem então.

Foram juntos até o quarto. Sem pressa. Sem clima forçado. Só presença.

Deitaram lado a lado, e ela logo puxou o braço dele, encostando o rosto no peito. Ele a envolveu com carinho. E ali, no escuro, o mundo pareceu finalmente calar.

Capítulo 7 – Porto Seguro

O relógio já marcava 9:10 da manhã quando os dois despertaram com um sobressalto. O susto foi imediato — haviam perdido a hora. Lucas, ainda se recuperando do choque, se levantou rápido da cama, passando a mão pelos cabelos e olhando para Júlia.

— Se arruma, aí vamos pra minha casa, eu me troco e depois seguimos — disse ele, a voz ainda carregada pelo sono.

— Ok — respondeu Júlia, já correndo pela casa em busca de algo para vestir. O ritmo era apressado, com os passos ecoando pelos cômodos enquanto ela vasculhava as gavetas.

Assim que Júlia terminou de se arrumar, os dois seguiram para a casa de Lucas. Ele entrou rapidamente, trocou de roupa, e os dois foram direto para a empresa.

Logo que adentraram o departamento, um silêncio desconfortável caiu sobre o ambiente. Os olhares dos colegas se voltaram para os dois, como se estivessem diante de algo extraordinário — ou proibido. Júlia sentiu o peso dos olhares, especialmente da mulher sentada ao seu lado, cuja expressão era de puro incômodo. Júlia preferiu não dizer nada, apenas se sentou, tentando manter o foco.

— Você namora o chefinho? — perguntou Isabela, com um tom entre o desdém e a provocação.

— Não — respondeu Júlia, de forma curta e direta.

Lucas ouviu a pergunta e, com firmeza, interveio:

— Você sabe sobre as regras sobre perguntas pessoais dentro da empresa, não sabe? Volte ao trabalho, por favor.

Ao ver Isabela calar-se, Júlia sentiu uma pequena satisfação. A reunião prosseguiu, e eles seguiram em silêncio até o fim.

— Isabela, na minha sala em cinco minutos, por favor — disse Lucas assim que a reunião foi encerrada.

Júlia observou os dois saindo da sala e se perguntou o que ele diria à colega. Voltou para sua própria mesa, tentando ignorar a curiosidade que crescia.

Na sala, Lucas foi direto. Expôs com firmeza as normas da empresa, destacou a importância do respeito à privacidade dos colegas e deixou claro que aquilo não voltaria a acontecer — fosse com um superior ou qualquer outro funcionário.

Enquanto isso, Júlia trabalhava, mas não deixou de notar quando Isabela retornou ao setor. O olhar que lançou em sua direção era carregado de raiva, como se tentasse fulminá-la em silêncio. Júlia apenas desviou os olhos e respirou fundo.

O expediente finalmente chegou ao fim. Júlia saiu do departamento em direção ao estacionamento, e Lucas veio logo atrás.

— Oi, vamos? Vou te deixar em casa — disse ele, pegando a chave do carro.

— Ok, obrigada — respondeu ela, entrando no carro.

No caminho, Lucas lançou a proposta:

— Quer ir comer um pastel antes?

— Só se for agora! — disse ela, animada.

Foram até a pastelaria do bairro. Lucas pediu um pastel de pizza, enquanto Júlia optou por um de queijo e um refrigerante. Comeram em paz, rindo de pequenos comentários e trocando olhares mais leves.

Após a refeição, seguiram novamente para o carro. Já perto da casa de Júlia, Lucas quebrou o silêncio:

— Pode dormir lá em casa se você quiser...

— Ah... vamos direto então — respondeu ela, com um sorriso quase tímido, mas contente.

Chegando na casa de Lucas, ele subiu direto para tomar banho, enquanto Júlia aproveitou para explorar o lugar com curiosidade discreta. Passou por cada cômodo com atenção, exceto pelo banheiro onde ele estava. Queria entender um pouco mais daquele espaço que, aos poucos, também se tornava familiar.

Lucas, já de banho tomado e vestido, desceu as escadas. Encontrou Júlia na cozinha, abrindo armários e procurando algo para beber. Ela havia encontrado uma garrafa de vinho.

— Pode tomar banho no meu banheiro, se você quiser. Tem banheira lá, se preferir — sugeriu ele, tranquilo.

— Sim, sim, eu já vou — respondeu ela, enchendo uma taça de vinho antes de subir.

Lucas também serviu uma taça para si e foi até o quintal, sentando-se sob a sombra de uma árvore. O céu começava a escurecer lentamente, e ele observava o movimento sutil das folhas ao vento enquanto saboreava o vinho.

Enquanto isso, Júlia havia terminado sua taça antes mesmo de alcançar o topo da escada. Entrou no banheiro, ligou o chuveiro e se permitiu relaxar.

Lucas terminou sua taça e retornou à cozinha para pegar mais vinho. Ficou ali esperando, apoiado na bancada. Júlia voltou logo depois, visivelmente mais leve, mas com um certo desequilíbrio no andar. Pegou mais uma taça sem pensar muito.

— Tá tudo bem? Não precisa beber se não quiser — disse ele, percebendo o efeito do álcool.

— Que isso, eu quero mais — respondeu ela, já se levantando para pegar outra.

— Na-não, melhor não — disse Lucas, gentilmente tomando a taça de sua mão. — Vem, vamos pro sofá.

— Não! Por favor... — pediu ela, segurando o braço dele.

— Não vai ser legal você passar mal, não acha? — disse ele, com um sorriso calmo, pegando-a no colo e levando-a até a cama. — Tenta dormir um pouco.

— Não quero dormir... quero fazer... outra coisa...

— Ah é? — perguntou ele, surpreso. — E que coisa seria essa?

— Não sei direito... — disse ela, se aproximando até encostar os lábios nos dele.

O beijo aconteceu, breve, doce. Mas Lucas afastou-se com cuidado.

— Melhor você dormir mesmo... não quero me aproveitar de você em um momento tão vulnerável.

— Aff — resmungou ela, se deitando com uma expressão emburrada.

Lucas tirou a camisa e deitou ao lado dela. Dormiram juntos, próximos, mas com o respeito intacto.

Na madrugada, Júlia acordou com uma forte dor de cabeça. Levantou-se e foi até a cozinha em busca de água. Lucas notou sua ausência e a seguiu, encontrando-a já com o copo na mão.

— Está tudo ok? — perguntou ele, preocupado.

— Sim, só estou com um pouco de dor de cabeça — disse ela, bebendo.

— Tem remédio. Você quer?

— Sim, por favor.

— Vem aqui... — disse ele, abraçando-a de lado enquanto a conduzia de volta para o quarto.

Os dois deitaram novamente e ficaram ali por um tempo, em silêncio. Voltaram a dormir.

Quando o sol já despontava pela janela, Lucas despertou primeiro e olhou para Júlia, que ainda estava sonolenta.

— Você está melhor?

— Sim... — respondeu ela, com a voz arrastada.

— Quer faltar hoje? Você não está muito bem e não vai ter nenhuma reunião importante.

— Meu chefe me falando pra faltar? Novidade isso aí — disse ela, rindo.

— Você passou mal, ué. Falta justificável... eu posso fazer vista grossa pra isso.

— Gostei do meu relacionamento novo... meu chefe faz vista grossa quando eu tô mal, gostei.

— Não se acostume. Não é sempre que vou poder fazer isso — disse ele, puxando-a para um abraço apertado.

— Tudo bem. Isso já é suficiente — respondeu ela, retribuindo o gesto com carinho.

Ele beijou sua testa com delicadeza e se levantou da cama.

— Tenta dormir mais um pouco...

— Ok... — disse ela, observando-o se afastar.

— Posso me trocar aqui ou quer que eu vá para outro quarto?

— Fica à vontade, mas minha preferência é que você se troque aqui...

— Beleza — disse ele, começando a se vestir.

Antes que ele saísse, Júlia chamou:

— Espera aí... — Ela se levantou e lhe deu um beijo. — Agora pode ir — disse sorrindo.

Lucas saiu do quarto com um sorriso no rosto.

— Até mais tarde. Se precisar de algo, me liga — disse antes de fechar a porta.

— Até... — respondeu ela, ainda com um calor leve no coração.

Capítulo 8 – O Pedido

A manhã começou fresca e silenciosa, o sol ainda tímido no horizonte enquanto Lucas desviava o caminho habitual para o trabalho. As ruas despertavam lentamente, com o aroma de café fresco vindo das padarias e o sussurro das folhas das árvores balançando ao vento. Lucas entrou na pequena loja com um sorriso contido, cumprimentou o atendente com um aceno e disse com voz firme, porém carregada de expectativa:

— Bom dia, eu gostaria de...

Os minutos que se seguiram foram breves, mas para ele pareciam eternos, enquanto aguardava a confirmação do pedido. Com o embrulho discreto nas mãos, voltou para o carro, o coração batendo um pouco mais rápido, impulsionado por um sentimento especial que crescia dentro dele.

Na empresa, entre as tarefas do dia, Lucas encontrava brechas para cuidar dos detalhes: no celular, fez a reserva naquele restaurante à beira-mar, o lugar perfeito para um momento só deles. A imagem do mar calmo sob o céu azul já preenchia sua mente.

Quando o expediente finalmente chegou ao fim, ele não hesitou. Com dedos ágeis, digitou uma mensagem que carregava esperança e convite:

“Quer sair para jantar hoje?”

A resposta de Júlia chegou quase imediatamente, trazendo um sorriso ao rosto de Lucas:

“Claro, mas onde?”

— Naquele restaurante na beira do mar, sabe? — ele respondeu, como se dividisse um segredo especial.

“Sei sim, vou procurar algo para vestir.”

“Tudo bem, já já estou em casa.”

“Ok, vou te esperar.”

Enquanto o relógio avançava para o início da noite, Júlia escolhia cuidadosamente seu vestido branco que descia suave até a canela, tecido leve que parecia dançar com a brisa. As sandálias de tiras delicadas completavam o look, junto com os acessórios discretos que realçavam seu estilo. O cabelo semi-preso deixava alguns fios caírem gentilmente sobre seus ombros, criando um efeito natural e encantador.

Quando Lucas chegou, o ar entre eles parecia carregado de expectativa e ternura.

— Oii, vou me arrumar e já vamos, ok? — falou ele, o sorriso sincero iluminando o rosto.

— Ok... — respondeu Júlia, o coração acelerado.

Ao chegarem ao restaurante, foram recebidos pela brisa salgada que carregava o som das ondas batendo suavemente na areia. A mesa, estrategicamente posicionada com vista para o mar, permitia que eles contemplassem o infinito azul enquanto se perdiam no momento.

Os pratos chegaram, e entre mordidas e sorrisos, a conversa fluía leve, como a maré que vai e vem, trazendo à tona uma intimidade delicada e crescente. Os olhos se encontravam com frequência, cada olhar carregado de pequenas declarações silenciosas.

Depois de saborearem a última garfada, decidiram caminhar pela praia. A areia macia sob os pés, o céu tingido por tons alaranjados do pôr do sol, e o som ritmado das ondas compunham a trilha sonora perfeita para aquela noite.

Enquanto caminhavam lado a lado, as palavras vinham suaves, quase como um sussurro compartilhado com o vento. Lucas parou subitamente, virou-se para Júlia com o olhar fixo e intenso, e lentamente se ajoelhou na areia fresca.

— Júlia... — sua voz soou firme, embalada pela emoção do momento. — Você quer namorar comigo?

O sorriso que iluminou o rosto dela respondeu antes mesmo das palavras:

— Sim! Com certeza sim! — exclamou, envolvendo-o num abraço quente e apertado.

O beijo que se seguiu foi doce, terno e cheio de promessas — um instante suspenso no tempo, onde o mundo pareceu parar para assistir aquele começo.

Continuaram a caminhar por mais alguns minutos, mãos entrelaçadas, corpos próximos, até que a noite, com sua calma e mistério, os levou de volta para casa. Ali, entre olhares cúmplices e toques suaves, passaram a noite juntos, celebrando aquele novo capítulo, onde o amor começava a florescer com força e delicadeza.

Capítulo 9 – 1 Ano Depois...

O sol da manhã entrava delicadamente pela janela, espalhando seus primeiros raios dourados sobre a cama onde Lucas Rodrigo e Júlia Santana repousavam em silêncio. Lucas despertou antes, o olhar fixo na mulher que dormia tranquila ao seu lado, os traços suavizados pelo repouso. Com um carinho natural, depositou um beijo suave em seu rosto antes de se levantar, tentando não fazer barulho.

Júlia, despertando com o movimento, imitou o gesto, levantando-se com a calma serena de quem está em casa.

— Bom dia... Dormiu bem? — perguntou Lucas, envolvendo-a num abraço caloroso.

— Sim... — respondeu ela, ainda meio sonolenta, retribuindo o afago.

O clima do quarto era leve, íntimo, envolto na simplicidade e no conforto de anos compartilhados.

— Você vem pedalar comigo hoje? — ele perguntou, com a expectativa sutil no tom.

— Eu passo... Tenho que terminar alguns trabalhos hoje — respondeu ela, a voz decidida, mas sem pressa.

Aceitando a resposta, tomaram o café juntos em silêncio, as conversas leves preenchendo o ar antes que Lucas saísse para sua pedalada matinal, o sol já começando a aquecer as ruas.

Sozinha, Júlia mergulhou no trabalho, concentrada e dedicada até tarde, o ambiente do escritório doméstico iluminado apenas pela luz suave do monitor.

Mais tarde, Lucas levantou depois de uma soneca, e rapidamente se pôs a preparar o jantar, chamando-a com um tom carinhoso:

— Gatinha, vem comer.

Júlia desceu, e os dois se acomodaram à mesa. Depois, sugeriu:

— Quer assistir um filme?

— Pode ser, qual você quer ver hoje? — Questiona Julia curiosa.

Lucas responde alegremente:

— Pode ser Carros 1? Faz tempo que não assisto...

— Pode sim. — Completa Julia.

No sofá, lado a lado, se deitaram para assistir ao filme, envolvidos pela nostalgia e pela cumplicidade silenciosa que só o tempo pode construir.

O filme terminou, e eles subiram para dormir. Deitados, Lucas a envolveu em seus braços, beijando suavemente seu rosto, um gesto que os embalou durante toda a noite.

Na manhã seguinte, uma ligação do segurança da empresa interrompeu o sono de Lucas. Levantou-se rápido e saiu para verificar a situação.

Júlia o observou partir, preocupada, e começou a preparar o café: panquecas salgadas, suco de maracujá fresco e bolo de cenoura recém-assado, aromas que preenchiam a casa e suavizavam a tensão.

Quando Lucas voltou, ela o recebeu com um sorriso caloroso.

— Oi... Ouvi você falando com o segurança lá na empresa, está tudo bem? — perguntou enquanto terminava de servir o café.

— Hmmm... Que cheiro bom! O que você fez pro café? — disse ele, apreciando cada detalhe da manhã. — Está tudo bem lá, era só o alarme que disparou sozinho de novo. Já mandei um e-mail para a manutenção tem alguns dias.

— Entendi... Bom, para hoje temos panqueca salgada, suco de maracujá e bolo de cenoura — ela respondeu com orgulho.

Sentaram-se juntos à mesa, saboreando cada mordida e trocando olhares confortáveis.

— E aí, gostou? — perguntou Júlia, lavando a louça.

— Estava uma delícia — respondeu Lucas, secando as mãos e olhando pela janela a chuva que começava a cair. — Quer fazer algo?

— Não sei... Não programei nada para hoje.

— Essa chuva pede um filme, não acha? — disse ele, levantando-se e indo para o quarto.

— Eu concordo — respondeu ela.

— Vai escolhendo enquanto vou ao banheiro.

— Ok... — respondeu ela, escolhendo um DVD.

Quando Lucas voltou, ela já havia colocado para tocar *50 Tons de Cinza*.

— Já assistiu esse filme? — perguntou ele, curioso.

— Na verdade não, coloquei porque sei que você gosta...

Lucas tirou o blazer e vestiu uma roupa confortável, acomodando-se ao lado dela no sofá.

O filme começou, e Júlia, não acostumada com aquele gênero, ficou surpresa com algumas cenas, mas não conseguiu esconder um sorriso ao perceber que Lucas se aproximava dela, buscando sua atenção.

— O filme ainda não acabou... Precisa de algo? — perguntou, com um olhar divertido.

— Não... Não quero nada não — respondeu ele, com um drama leve, sabendo que ela captava seu jogo.

— Meu Deus, vem cá — disse ela, envolvendo-o em um abraço apertado.

— O que você quer fazer, hein? — sussurrou ela, a voz baixa, quase um segredo.

— Você sabe, gatinha...

Sem demora, Lucas a conduziu até a cama. Beijou-a lentamente, com ternura e desejo. O beijo desceu pelo pescoço, suave e intenso, até que, com cuidado, ajudou-a a se despir e por fim, “dormiram” juntos.

Capítulo 10 – A Nova Liderança

Os primeiros raios da manhã entravam timidamente pelas frestas da cortina, iluminando o quarto com uma luz suave e dourada. Júlia ainda estava deitada quando sentiu um carinho gostoso em seu cabelo. Abriu os olhos devagar, encontrando o rosto de Lucas tão perto do seu, os dedos dele se entrelaçando com delicadeza nas mechas bagunçadas da noite anterior.

— Bom dia... — murmurou, a voz doce e sonolenta.

— Dormiu bem, princesa? — ele perguntou com um sorriso gentil.

Ela deixou escapar uma risada leve, os olhos ainda meio fechados enquanto se virava na cama.

— Não dormi no caso, né... — respondeu, rindo da lembrança do quanto tinham aproveitado a noite.

— Você tem um ponto — concordou, com um olhar malicioso e carinhoso ao mesmo tempo.

— Eu gostei bastante. Se você quiser, podemos repetir outro dia...

— Também, mas não agora — ela disse, lançando um olhar para o relógio na parede. — Temos que ir trabalhar.

Ele bufou em protesto, com um sorriso manhoso, e se levantou devagar.

— Aff... Azul ou branco? — perguntou, mostrando duas camisas diante do espelho.

— Azul. Sua vez: preto ou bege? — devolveu a pergunta, escolhendo seus próprios looks com a mesma leveza de quem fazia isso há anos juntos.

— Você fica linda de preto, mas quero te ver de bege hoje — respondeu, sem pensar muito, apenas admirando a imagem dela diante do armário.

Ela sorriu e começou a se trocar, e ele apenas ficou ali, observando em silêncio. Os gestos dela, por mais comuns que fossem, tinham uma beleza natural que chamava atenção. Enquanto Júlia finalizava o vestido, virou-se de costas e pediu:

— Fecha aqui pra mim?

— Claro! — prontamente ele se aproximou, subindo com cuidado o zíper pelas costas dela.

Ao terminar, pousou os braços ao redor da cintura dela e depositou um beijo leve em seu pescoço, o calor do toque deixando um arrepio doce.

— Já disse que você é linda?

Ela se virou com um sorriso provocante e o envolveu com os braços, puxando-o para mais perto.

— Todos os dias... — sussurrou, antes de beijá-lo com ternura.

O beijo poderia ter se prolongado, não fosse pelo som estridente do alarme quebrando o momento como um balde de água fria.

— Na hora errada esse alarme, viu... — reclamou ele, com um olhar cômico de indignação.

Ela riu alto, desligando o aparelho e pegando suas coisas para sair. O clima descontraído entre eles seguia até o carro, com trocas de olhares e pequenos gestos de carinho. No caminho, após alguns minutos em silêncio confortável, Lucas perguntou:

— Vamos jantar fora hoje?

— Vamos... — respondeu ela, olhando pela janela com um sorriso leve.

Assim que chegaram à empresa, perceberam uma movimentação incomum. O saguão principal estava mais agitado do que o normal, vozes animadas ecoavam por entre as mesas, e alguns funcionários pareciam estar em clima de comemoração.

— O novo gerente deve ter chegado — comentou Lucas, lançando um olhar rápido em direção ao grupo reunido.

— Hm... Eles só querem uma desculpa para não trabalhar — disse Júlia, divertida, seguindo direto para sua sala.

Lucas riu e seguiu para a dele, sem se envolver muito. A rotina logo se restabeleceu, e cada um voltou a suas funções. Júlia passou a manhã concentrada em alterar o layout do site institucional, ajustando cores, reorganizando menus, repensando a tipografia. Era um trabalho técnico, mas ela fazia com cuidado — queria deixar tudo moderno, funcional e bonito.

Foi então que o novo gerente apareceu, cortando o silêncio com uma postura rígida e o rosto impassível. Seu jeito simpático da chegada já havia desaparecido, e o tom de voz era seco.

— O que está fazendo? — perguntou, parando em frente à mesa dela.

— Mudando o site da empresa, senhor — respondeu, sem hesitar.

— Quem te deu autorização para fazer isso? — retrucou, com ar de superioridade.

— O chefe Lucas, senhor — respondeu, mantendo o tom firme e educado.

Sem agradecer ou comentar, ele simplesmente se virou e foi direto até a sala de Lucas. Bateu na porta com firmeza.

— Entra! — respondeu Lucas lá de dentro.

O gerente abriu a porta com pressa e foi direto ao ponto:

— Por que você autorizou a mudança do site?

Lucas, sem sequer alterar o tom de voz, respondeu com naturalidade:

— Primeiro, porque o setor de programação foi contratado para isso. Segundo, aquele site já estava feio e ultrapassado.

— Hm... — murmurou o gerente, franzindo os lábios, antes de sair da sala com visível desaprovação.

O restante do dia correu em clima tenso, com muitos sussurros e olhares de canto entre os funcionários. Júlia preferiu se manter focada em sua tela, tentando não se deixar afetar pela arrogância do novo chefe.

Quando o expediente terminou, Lucas apareceu ao lado dela com um semblante mais leve. Ela o olhou com curiosidade, enquanto caminhavam lado a lado pelos corredores silenciosos.

— O que achou do novo gerente?

— Sendo sincero? Um c*ção. Ele veio encher meu saco porque alguém tava mudando a aparência do site da empresa.

— Era eu. Ele estava bem incomodado — respondeu ela, sem se abalar muito, lançando um olhar provocante.

Lucas soltou uma risada abafada e balançou a cabeça. Os dois seguiram juntos até o estacionamento, trocando comentários leves sobre o dia. Por mais que o clima no trabalho tivesse mudado, havia algo entre eles que deixava tudo mais fácil de enfrentar — como se, juntos, nada fosse realmente um problema.

Capítulo 11 – Aquela Noite

Ao cruzarem a soleira da porta, a noite já lançava sua sombra tranquila sobre a cidade, convidando-os a desacelerar. Lucas segurava a mão de Júlia com firmeza, enquanto ela, segurando uma taça de vinho, inclinava-se levemente para um beijo terno, que parecia sussurrar promessas silenciosas entre eles.

— Então, onde vamos jantar? — perguntou Lucas, o sorriso se abrindo leve em seus lábios, enquanto as mãos encontravam a cintura dela e a puxavam para um novo beijo.

Júlia interrompeu o contato com um sorriso maroto, olhos brilhando de cumplicidade, como se compartilhasse um segredo só deles.

— Acho que a janta pode ser aqui em casa mesmo... — disse, sua voz um convite doce e desafiador ao mesmo tempo.

O sorriso de Lucas se alargou, mas antes que ele pudesse responder, ela acrescentou com uma piscadela brincalhona:

— Estava brincando... Vamos naquele perto da praia.

Lucas fingiu uma leve decepção, escondida com uma risada leve que encheu o ambiente de intimidade. Sem perder tempo, ergueu Júlia no colo, carregando-a com cuidado para o quarto.

— Ótimo, não estou com vontade de cozinhar mesmo... — confidenciou ele, a voz carregada de diversão.

Ela, com um olhar provocante e um sorriso quase imperceptível, perguntou:

— Tem certeza que quer jantar comida hoje?

Lucas respondeu com um brilho de malícia nos olhos:

— Bom... posso jantar comida e mais alguma coisa..., mas a gente vê depois — disse, a risada suave acompanhando as palavras.

Depois de um breve momento para se arrumarem, seguiram para o restaurante, o ar fresco da noite envolvendo-os como uma promessa. Sentaram-se, e Lucas pediu uma taça de vinho ao garçom, o tilintar dos copos se misturando ao som tranquilo das ondas ao longe.

Enquanto aguardavam o jantar, o olhar de Júlia pousava curioso no rosto dele:

— Então, como vai lá no setor de liderança?

Lucas suspirou, relaxando no assento:

— Tranquilo, só aquele cara que acho que vai dar trabalho...

Ela concordou, um sorriso discreto no canto da boca, enquanto a comida chegava à mesa, preenchendo o espaço com aromas convidativos.

Após a última garfada, o caminho de volta para casa parecia suavizar qualquer tensão que o dia pudesse ter trazido. No silêncio confortável, Lucas puxou Júlia para um beijo profundo, que falava mais que palavras.

— Amei nosso jantar. — Disse Lucas.

— Sabe o que eu amo mais? — perguntou ela, com a voz cheia de doçura.

— Não sei não... me conta? — respondeu ele, a curiosidade iluminando seus olhos.

— Você, inclusive, eu amo mais! — disse ela, rindo, enquanto os dedos dele começavam uma brincadeira de cosquinha.

A perseguição risonha terminou com ambos caindo sobre a cama macia, o riso compartilhado ecoando como música na penumbra do quarto.

Lucas parou, olhos fixos nos dela, buscando entender o que aquele olhar revelava, um misto de desejo e carinho.

Lucas parou, o olhar profundo fixo nos olhos dela, tentando decifrar aquela mistura de desejo, ternura e expectativa que brilhava em seu olhar. O silêncio entre eles parecia carregar toda a intensidade do momento.

Sem hesitar, seus lábios se tocaram num encontro suave que rapidamente se incendiou em um beijo lento e cheio de paixão contida. As mãos dele, com movimentos delicados, exploravam cada pedaço de pele exposta, enquanto os dedos de Júlia corriam pelas costas dele, buscando e entregando carinho.

As roupas foram caindo aos poucos, como se o tempo desacelerasse para que cada toque, cada suspiro, fosse sentido com toda a profundidade possível. O quarto se encheu do som abafado de beijos e respirações entrecortadas, da pele que se encontrava e se reconhecia.

Lucas beijava cada curva, cada detalhe do corpo de Júlia, admirando o calor que eles compartilhavam. Ela retribuía com pequenos gemidos e sorrisos que expressavam a entrega completa daquele instante.

Quando finalmente estavam nus, colados um ao outro, a tensão se dissolveu numa calma gostosa. Exaustos, seus corpos se acomodaram em um abraço apertado e confortável, e juntos, “dormiram”.

Capítulo 12 – A Descoberta

O sol mal começava a pintar o céu com tons suaves de rosa e dourado quando Júlia despertou, ainda carregando o cansaço da noite anterior. Os primeiros raios atravessavam a janela, iluminando o quarto com uma luz delicada, mas o peso no corpo dela não diminuía. Com cuidado, levantou-se, tentando não acordar Lucas, que permanecia profundamente adormecido, sua respiração lenta e tranquila. Mesmo assim, ele sentiu o movimento ao seu lado e voltou a se perder no sonho da noite passada, um sorriso tênue nos lábios.

Enquanto a casa permanecia silenciosa, Júlia começou a sentir um desconforto crescente no estômago, uma inquietação que a fez decidir sair para comprar um teste de gravidez — embora seu coração ainda duvidasse do resultado. O trajeto até a farmácia parecia arrastar-se, seus pensamentos confusos e acelerados.

De volta ao refúgio do lar, ela se isolou no banheiro, mãos trêmulas segurando o teste. O simples olhar para o resultado foi suficiente para calar qualquer dúvida: positivo. O mundo ao seu redor pareceu desacelerar, e o silêncio tornou-se ensurdecedor. Ela ficou imóvel, sem reação, perdida entre esperança e medo.

Lucas, por sua vez, acordou um pouco depois, sentindo que algo estava diferente. Procurou Júlia e a encontrou no banheiro, seu rosto oculto pelo peso da notícia que mal podia imaginar.

— Bom dia, amor. Tudo bem? — perguntou com a voz calma, tentando quebrar o gelo.

Ela não conseguiu responder de imediato, entregou-lhe o teste sem encará-lo.

O olhar de Lucas demorou a processar o que via: uma mistura de felicidade imensa e um aperto no peito, quase um desespero contido. O silêncio entre os dois foi pesado, carregado de tantas emoções que não precisavam ser ditas.

— E agora? — sua voz quebrou, prestes a ceder às lágrimas.

— Calma, amorzinho, vai dar tudo certo... — sussurrou ele, envolvendo-a num abraço protetor, como se pudesse afastar todo o medo do mundo.

O abraço foi firme, mas gentil, e aos poucos Júlia sentiu-se amparada, mesmo que o nervosismo ainda estivesse presente.

**

Dias depois, a rotina da casa já mostrava sinais de uma nova esperança. Júlia acordou com uma animação discreta, preparando o café da manhã enquanto esperava Lucas despertar.

Quando ele finalmente despertou, o calor do abraço e a voz dele lhe trouxeram conforto.

— Bom dia, como você está? — perguntou Lucas, apertando-a com ternura.

— Cansada... mas bem. Não consegui dormir direito — respondeu ela, colocando a mesa com cuidado.

Lucas tentou dissipar as preocupações com uma promessa:

— Vai passar rápido, você vai ver... Quero te convidar para um piquenique hoje à tarde. Você topa?

Um sorriso iluminou o rosto de Júlia:

— Vamos sim! Agora vou me arrumar para o trabalho. Aquele chefe chato quer a equipe reunida mais cedo hoje — disse, subindo as escadas com passo decidido.

Enquanto ela se preparava, Lucas saiu para comprar os itens para o piquenique, visitando uma loja especial, escolhendo cada detalhe com cuidado e carinho.

**

No escritório, Júlia chegou apressada e logo foi repreendida pelo gerente.

— Está atrasada, senhorita!

— Perdão, chefe! — respondeu, com a voz baixa.

A reunião começou logo em seguida, a tensão no ar lembrando que o trabalho não podia parar, mesmo com tantas mudanças acontecendo na vida dos dois.

Mais tarde, Lucas chegou ao local do piquenique, arrumando cada coisa com o cuidado de quem planeja um momento inesquecível. Com tudo pronto, mandou uma mensagem para Júlia:

— Oii, quando sair, vem para cá (localização).

Ela, vendo o recado, sorriu, preparando-se para aquele encontro que prometia renovar não só o dia, mas o coração dos dois.

— Já, já chego aí — respondeu, caminhando decidida para o carro, o coração pulsando uma nova esperança.

Capítulo 13 – Um novo começo

Julia chegou sorrindo, a leveza do dia refletida em seus olhos cansados. Lucas a recebeu com aquele jeito tranquilo que só ele tinha.

— Oii, como foi lá? — perguntou, puxando uma cadeira para sentar ao lado dela.

Ela deu uma risadinha, jogando o cabelo para trás,

— Foi bem, mas eu queria ter ficado em casa o dia todo, admito.

Lucas riu, a risada fácil e confortável,

— E quem não queria? Enfim, vamos comer porque eu tô morrendo de fome...

Sentaram-se juntos sobre a toalha estendida no gramado, entre o aroma dos pratos e o som tranquilo da natureza ao redor. As conversas suaves preencheram os minutos enquanto comiam, compartilhando pequenas histórias e risos.

Com a última garfada engolida, Lucas olhou sério para Julia, seu rosto iluminado pela luz dourada do entardecer.

— Julia... já estamos juntos há um bom tempo e morando na mesma casa... agora você carrega um bebê meu, acho que já passou da hora disso e não dá para adiar mais...

Com uma calma que contrastava com o turbilhão dentro dele, Lucas se ajoelhou naquele campo silencioso, os olhos presos nos dela com toda a sinceridade do mundo.

— Julia, você quer casar comigo?

O sorriso que brotou no rosto dela foi como um raio de sol que rompe nuvens escuras. Ela não precisou pensar.

— SIM! Com certeza sim!!!

Ele a puxou para um abraço forte e um beijo cheio de promessa, de um amor que já sabia que era para sempre.

— Eu te amo, muito mesmo — confessou, como se aquelas palavras fossem capazes de carregar todo o sentimento do mundo.

Meses se passaram, e ali estava Julia, vestida de branco, caminhando confiante rumo ao altar onde Lucas a esperava, coração pulsando no ritmo da emoção.

A cerimônia transcorreu em um silêncio expectante, até que quando o pastor pergunta:

— Alguém se opõe a essa união?

—Sim! —Um frio percorreu a espinha dos presentes quando Helena, a ex de Lucas, se levantou e avançou pelo corredor.

Lucas trocou um olhar com Julia, que rapidamente se posicionou entre ele e Helena, com a firmeza de quem não abriria mão do que era seu.

— Sai da minha frente! Você roubou o amor da minha vida! — gritou Helena, cheia de rancor.

— Se ele fosse mesmo o amor da sua vida, você o teria tratado como tal — respondeu Julia, sem hesitar.

Helena tentou avançar, mas Julia desviou com agilidade, e a ex caiu no chão, desacreditada.

Enquanto isso, Lucas pediu ajuda aos padrinhos, que rapidamente intervieram, levando Helena para fora da cerimônia.

Com o clima voltando à normalidade, os votos foram repetidos, firmes e cheios de significado:

— Lucas, você aceita Julia como sua esposa?

— Sim!

— Julia, você aceita Lucas como seu marido?

— Sim!

O beijo dos recém-casados foi recebido com aplausos, o som da felicidade preenchendo o salão.

Sete meses depois, a casa já carregava a ansiedade da chegada de um novo membro. Lucas procurava Julia pela casa quando a encontrou sentada, com a mão repousada sobre a barriga que crescia a cada dia.

— Oii, tá tudo bem?

— Depende do que você considera bem... tirando as dores, eu tô legal — respondeu ela, com um sorriso cansado.

Lucas a abraçou com cuidado, levantando levemente a barriga para aliviar o peso.
— Faltam só dois meses.

Julia suspirou, a mente cheia de medos e esperanças.

— Eu sei. É tão assustador quanto pular de um avião sem paraquedas num aquário cheio de tubarões...

Lucas riu, admirando a criatividade dela mesmo nos momentos difíceis.

— Vai dar tudo certo, você é forte.

— Tomara mesmo... — murmurou ela, abraçando-o de volta.

Sete semanas e meia depois, tudo estava pronto. Lucas conferiu cada detalhe, embalagens e malas prontas para a grande hora.

Julia entrou no carro, o coração disparado, as mãos tremendo de emoção.
— Vamos lá então... hoje essa querida nasce.

Fim.

Dedico este livro à Julia,
minha companheira, minha
inspiração e meu porto seguro.
A você, que surgiu em um capítulo
aleatório da minha vida e agora eu
quero levar até o último.
A pessoa que compartilho sonhos,
desafios e alegrias,
e que com sua força e amor
transformou cada momento em algo
especial.

Por cada sorriso que iluminou meus
dias, por cada gesto de carinho que
aqueceu meu coração,
por ser essa mulher incrível que me
desafia a ser melhor,
e por fazer do nosso amor uma
história que vale a pena ser contada.

Que este livro seja um pequeno
reflexo da imensidão do que sinto por
você, uma homenagem ao que
construímos juntos e à promessa de
tudo que ainda vamos viver.
Obrigado por acreditar em mim, por
ser minha inspiração diária,
e por ser o motivo pelo qual escrevo
com tanto amor.

Eu te amo, hoje e sempre.

